

Associação dos Agricultores do Vale do Mondego

*Saberes e Sabores do  
Arroz Carolino do Baixo Mondego*



Enquadramento Histórico - Irene Vaquinhas



# III

---

*Breve historial sobre a Cultura do  
Arroz nos Campos do Mondego*

---

Irene Vaquinhas



## II - Breve historial sobre a *Cultura do Arroz nos Campos do Mondego*

### 1 - A cultura do arroz no Baixo Mondego: sua evolução histórica

“Ainda há meio século desconhecida nos campos de Coimbra | a cultura do arroz | principiou a crescer e a desenvolver-se em tão rápida escala, que há dez anos ocupava quase a décima parte da vasta superfície sujeita às inundações do Mondego”.

Adolfo Loureiro, “Memoria sobre o Mondego e a barra da Figueira”,  
*Revista de Obras Públicas e Minas*, t. V, nº 56, Agosto 1874, pp. 351-352.

1 - A cultura do arroz é muito antiga, tendo sido, segundo alguns autores, introduzida na Península Ibérica pelos árabes, havendo referências ao seu consumo desde a época medieval.

2 - Não há datas precisas quanto à introdução da cultura do arroz nos Campos do Mondego. Fontes historiográficas diversas permitem concluir que o arroz já era cultivado na segunda metade do século XVIII nos campos do Mondego. Os Frades do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Frades Crúzios), um dos mais poderosos proprietários de terras nos Campos do Mondego, praticavam a orizicultura na sua Quinta de Foja, propriedade que funcionou como quinta experimental para várias culturas, entre as quais o arroz. No ano de 1760, os priores dos mosteiros de S. Teotónio de Viana, S. Jorge e S. Francisco da Ponte pediram ao Mosteiro de Santa Cruz uma esmola de arroz “da abundância que o Senhor fora servido dar-lhe no campo de Foja”<sup>1</sup>. No ano seguinte, em 1761, os Frades Crúzios mandaram fazer um moinho destinado a descascar o arroz que se produzia nessa quinta. Registe-se o facto de na Quinta de Foja ainda hoje persistir essa actividade. O desenvolvimento da orizicultura nos campos do Mondego, provavelmente desde o século XVII, teve a marca empreendedora dos Frades Crúzios.

---

1 - Maria Margarida Sobral Neto, *Terra e Conflito. Região de Coimbra 1700-1834*, Viseu, Palimage Editores, 1997, p. 174 (sobre documentação do Mosteiro de Santa Cruz, disponível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

3 - De acordo com palavras proferidas, no ano de 1804, pelo insigne botânico e professor da Universidade de Coimbra, Avelar Brotero (1744-1828), os terrenos pantanosos de Montemor-o-Velho eram dos mais antigos na produção do arroz.

4 - A orizicultura manteve-se como cultura marginal nos campos do Mondego, até meados do século XIX, começando a ampliar-se a partir de 1856, progredindo desde então, com avanços e recuos, até se alargar já no século XX. Em Oitocentos, a extensão da cultura do arroz foi favorecida por vários factores: a alta de preços do arroz na segunda metade do século XIX; o aumento do seu consumo sobretudo nos meios urbanos; os rendimentos alcançados, mais elevados do que nas culturas tradicionais, como o milho, tendo sido ainda favorecido por um sistema de pautas alfandegárias proteccionistas da produção nacional.

5 - Na segunda metade do século XIX, o alargamento da área orizícola andou de par com os protestos das populações por causa das doenças que aquela cultura causava, em particular o paludismo, de grande impacto na salubridade dos povos que residiam nas cercanias. Durante este período, foram inúmeros os levantamentos populares contra os efeitos perniciosos da orizicultura. As populações recusavam-se a ver transformadas as suas aldeias "numa segunda Africa onde as febres [...] fizeram o seu quartel general", como referiam, em 1872, os representantes da Junta da Paróquia de Vila Nova da Barca (*O Conimbricense* de 29 de Abril de 1872). No entanto, a má vontade dos povos contra esta cultura foi-se atenuando à medida que a insalubridade diminuía com a drenagem dos terrenos, o tratamento da malária por meio do quinino e a utilização de larvicidas nos arrozais.

6 - Impulsionados pelos rendimentos elevados e “apadrinhados” pelo Estado, os campos de arroz multiplicavam-se, ocupando terrenos pantanosos, impróprios para outros cultivos, ou substituindo-se ao milho ou a outros géneros, em terrenos cultivados. Assim, se de acordo com a "Comissão de Inquérito dos Arrozais", o número de campos de arroz existentes no concelho de Coimbra, em 1868, reduziam-se a sete propriedades localizadas em terrenos pantanosos,

enquanto em Montemor-o-Velho ocupava 561 propriedades. Mais precisamente, neste concelho, ocupava, no ano de 1871, uma área de 99,3 hect., subindo para 130,5 hect., em 1881.

7 - A cultura voltou a beneficiar, a partir dos anos 1930, de um regime pautal que lhe era favorável e da garantia dos preços e do escoamento da produção através da “Comissão Reguladora do Comércio do Arroz”. De 1933 ao final da década de 1940, as áreas cultivadas mais que duplicaram. Foi, porém, a partir de 1950, com as obras de regularização do Mondego que o acréscimo da área cultivada se acentua. No campo da Carapinheira (concelho de Montemor-o-Velho) considerava-se que o desenvolvimento da cultura, nos anos Trinta, fora de tal ordem “que parece loucura” como escreviam alguns autores<sup>2</sup>, reconhecendo-se, ao tempo, ser o arroz considerado uma “cultura rica”, por oposição ao milho, tido como “cultura pobre”. Por volta de 1950, o arroz, no Baixo Mondego, ocupava “à volta de 42% - 6000 hect. – da sua área. A partir dos anos setenta há um aumento significativo, subindo para 54% da sua área total, chegando nos anos noventa a 61%”<sup>3</sup>. Em termos de área de exploração e em número de produtores, o concelho de Montemor-o-Velho é aquele que contribui com a maior parcela, sendo considerado o “coração” da orizicultura do Baixo Mondego.

---

2- José António Ferreira de Azambuja, “A cultura do arroz no Vale do Mondego. Suas vantagens e inconvenientes”, *Gazeta das Aldeias*, nº 2212, 1951, p. 571.

3 - Carlos Silva, *Clima e orizicultura no Baixo Mondego*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1995 (Dissertação de Mestrado em Geografia), p. 29-32.

## 2 – A orizicultura no Baixo Mondego: métodos e tecnologias

“Havendo sido requerido por Maximiano Monteiro Grilo [...] licença para montar um estabelecimento destinado a descascar arroz por meio de uma machina e caldeira de baixa pressão em um terreno seu [...]

2 de Dezembro de 1898

Arquivo da Universidade de Coimbra, Governo Civil de Coimbra, Livro de Alvarás, fl. 12-12v.

1 - As referências mais antigas ao arroz cultivado nos campos do Mondego referem tratar-se de duas variedades: o arroz “vulgarmente denominado praganudo” e “a oryza nautical, Vand”, ou seja, “o arroz conhecido no mercado pelo nome de Carolino”<sup>4</sup>.

Aliás, as religiosas do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tentúgal consumiam esta qualidade de arroz, sendo inúmeras as referências ao “arros Carolino” nos seus Livros de Receitas e Despesas da segunda metade do Séc. XIX. Apenas a título exemplificativo refira-se que, em Julho de 1855, as ditas religiosas adquiriram, pelo preço de 1920 réis, “huma Arroba” de Arros Carolino”<sup>5</sup>. São também comuns as referências ao “arros da terra”, ou seja, ao arroz produzido na localidade ou nas suas imediações.

2 - A cultura do arroz veio alterar a economia de base agro-pastoril praticada na zona do Baixo Mondego, fundamentada na cultura do milho e na criação de gado manadio, fazendo inclusive desaparecer antigas práticas comunitárias como o compáscuo. Desde a sua difusão, no século XIX, no Baixo Mondego, a cultura do arroz teve um papel preponderante no tecido económico da região, fazendo nascer e desenvolver a indústria do respectivo descasque. Este tanto se efectuava em pequenas unidades (moinhos e azenhas) como em fábricas. A maior parte dessas unidades fabris estava integrada em explorações agrícolas. Entre outros casos que se poderiam mencionar refira-se o caso das fábricas *Nunes e Nunes*, em Gatões, em

---

4 - Henrique da Cunha Mattos de Mendia, *A Cultura do Arroz no Districto de Coimbra. Relatório dos Trabalhos da Comissão nomeada por Portaria de 16 de Setembro de 1882 apresentada a Sua Excellencia o Senhor Ministro das Obras Publicas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883, p. 51.

5 - A.U.C., *Livro Magistral de Receita e Despesa do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tentúgal 1852-1855*, fl. 40.

laboração desde 1917; da empresa *Patrão Rosete Sucrs, Lda*, fundada em 1929, também na freguesia de Gatões, ou ainda, da sociedade *Fojas e Irmãos*, instalada na localidade de Pedrogão do Pranto, em 1940, tendo o seu equipamento tecnológico sido adquirido ao anterior proprietário de uma fábrica de descasque que já laborara no local.

3 – A cultura do arroz constituía para a população ribeirinha uma importante fonte de rendimento. A ceifa do arroz era feita manualmente, por ranchos de homens e de mulheres. De um modo geral, enquanto os homens preparavam os terrenos e os semeavam, as mulheres ceifavam o arroz. Tanto para eles como para elas, o trabalho era árduo. Esse trabalho fatigante foi não raro amaldiçoado, como se pode verificar em versos populares alusivos às terras de Montemor e recolhidos por Santos Conceição: "O inferno que aí vai / Rai's parta o sol"<sup>6</sup>.

---

6 - Augusto dos Santos Conceição, *Terras de Montemor-o-Velho*, Coimbra, 1944, p. 271.

### 3 – O impacto da orizicultura no património local

“O arroz, além de alimento, hoje quase imprescindível, é património, é cultura, é arte, é elemento festivo [...] e é um forte factor de identidade [...]”

José Amado Mendes, “O arroz no Baixo Mondego. Da gastronomia ao turismo rural”, *Canteiros de Arroz: a orizicultura entre o passado e o futuro*, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 2005, p. 62.

1 - O arroz está na região do Baixo Mondego associado a uma gastronomia rica, aqui e além sobrevivente de velhos sabores, em que entram as sopas suculentas, associando aos peixes do rio, as carnes variadas e que terminam invariavelmente na doçaria gulosa de tradição conventual. Entre a grande panóplia de receitas, saberes e hábitos culinários desta área registe-se, entre outros, a canja de arroz com bacalhau, o arroz de azedos, o arroz de lampreia, o arroz de cricos, o arroz de pato, o arroz de sardinha ou, no campo dos doces, o arroz doce de casamentos. Iguaria de antanho seria o “arroz de leite”, consumido pelas freiras do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tentúgal que tantas vezes o mencionam nos seus documentos contabilísticos. Assim aconteceu em Julho de 1854, aludindo-se ao “Arros de Leite, e Doce p<sup>a</sup> o Cha”<sup>7</sup>.

2 - Os campos de arroz já fazem parte do património do Baixo Mondego: da sua paisagem, da sua gastronomia, do seu folclore, da sua etnografia, da sua economia, sendo representativo da identidade local. Urge preservar, entre tantos outros testemunhos materiais e imateriais, as danças das moñdadeiras, as tradições associadas às colheitas (a “penhora do arroz”, o ensacamento...), os testemunhos orais da realidade vivida pelos trabalhadores, o que resta do espólio laboratorial do antigo posto de combate ao sezonismo de Montemor (a “Casa das Sezões”), ou tão só utensílios, as máquinas agrícolas ou as antigas unidades industriais de descasque que podem ser reactivadas como núcleos museológicos.

*Irene Vaquinbas*

Professora associada com o título de Agregada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

---

7 - A.U.C., *Livro Magistral de Receita e Despesa do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tentúgal 1852-1855*, fl. 25.

## Bibliografia

*A Cultura do Arroz no Districto de Coimbra. Relatório dos Trabalhos da Comissão nomeada por Portaria de 16 de Setembro de 1882 apresentado a Sua Excellencia o Senhor Ministro das Obras Publicas*, por Henrique da Cunha Mattos de Mendia, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883.

*As nossas receitas de arroz*, Rotary Club de Montemor-o-Velho, 2004.

AZAMBUJA, José António Ferreira de, “A cultura do arroz no Vale do Mondego. Suas vantagens e inconvenientes”, *Gazeta das Aldeias*, nº 2212, 1951.

Caldas, Eugénio de Castro, *A Agricultura Portuguesa através dos tempos*, INIC, Lisboa, 1991.

CASTRO, Armando de “*Orizicultura*”, *Dicionário de História de Portugal*, Dirigido por Joel Serrão, vol. III, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1968, pp. 243-245.

CORREIA, Ângela Pinto, *Patrão Rosete, Sucrs, Lda., História de uma empresa de descasque de arroz*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.

COSTA, Joaquim Mayer Botelho da, “*A cultura do arroz no Vale Mondêgo*”, *Agros*, nº 11-12, Novembro-Dezembro 1928 (4º ano), pp. 256-267.

MARTINS, Conceição Andrade, “Arrozeiro”, *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, *A Agricultura: Dicionário*, coord. de Nuno Luís Madureira, Lisboa, Celta Editores, 2002, pp. 24-27.

MOTA, Maria da Graça Pereira, *Alguns apontamentos de estudo de uma fábrica de descasque de arroz no Baixo Mondego – 1940/1960*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991.

NETO, Maria Margarida Sobral, *Terra e Conflito. Região de Coimbra 1700-1834*, Viseu, Palimage Editores, 1997.

OLIVEIRA, Luiz A. M. Correia de, *Temperos e sabores esquecidos nos Campos do Mondego*, Carapinheira, LACAM, 2004.

SILVA, Carlos, *Clima e orizicultura no Baixo Mondego*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1995 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

VAQUINHAS, Irene, "Um espaço em transformação: a extensão da cultura do arroz nos campos do Mondego (1856-1888)", *Portugal económico: do vintismo ao século XX, Análise Social*, vol. XXVI (112 - 113), 1991, pp. 689-703.

VAQUINHAS, Irene, "Um espaço em transformação: a extensão da cultura do arroz nos campos do Mondego, 1856-1888", *A Cidade e o Campo*. Colectânea de Estudos, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000, pp. 169-181.

VAQUINHAS, Irene, *Violência, justiça e sociedade rural. Os campos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Penacova de 1858 a 1918*, Porto, Afrontamento, 1996, pp. 152-177.

VAQUINHAS, Irene; MENDES, José Amado, *Canteiros de Arroz: a orizicultura entre o passado e o futuro*, Montemor-o-Velho, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 2005.